Tomo VII 1864



NOGUEIRA DA SILVA. COELHO.

Panorama do Porto e Villa Nova, ponte pensil sobre o Douro

PONTE PENSIL NO PORTO

A gravura que adorna o rosto d'este numero é cópia de uma excellente photographia da collecção do sr. Seabra. Representa o bello e pittoresco panorama formado pelas extremidades de léste do Porto e de Villa Nova de Gaia, pela serra do Pilar e penedia do Prado do Bispo, pelo Douro de apressada corrente, e por extensas cordilheiras de montanhas, que, desde as margens do rio, se vão elevando umas sobre outras até se perderem no horisonte.

Do lado esquerdo vê-se, no primeiro plano, a encosta por onde a cidade vem descendo do alto do monte até á rua chamada de *Cima do Muro*, por correr sobre um lanço da antiga cêrca de muralhas que defende esta parte da povoação das invasões de um inimigo que todos os annos lhe causa mais ou menos prejuizo — o Douro entumecido com as aguas do inverno. No ponto mais elevado da encosta avulta outro lanço da velha cêrca, com suas ameias e uma torre. É o lanço que protegia a cidade pelo lado de léste, descendo da *porta do Sol* pelos Guindaes até á *Ribeira*. Hoje serve de muro da cêrca das freiras de Santa Clara, e a torre de mirante, para o que a cobriram com telhado, construindo no logar das ameias, nas quatro frentes, janellas com grades de ferro.

Este apinhoado de casas em fórma de throno offerece um aspecto pittoresco a quem o contempla do rio, ou da margem opposta, mas interiormente é hediondo. Figure-se uma rede emmaranhada de ruas e viellas tortuosas, estreitas, immundas, orladas de casaria de muitos andares, que, mal deixando penetrar o sol e girar o vento livremente, conservam o pavimento das ruas sempre humido e infecto. É um bairro parecido com o nosso de Alfama, com a differença, porém, de que n'este já entrou de algum modo o progresso, reconstruindo, canalisando e aceiando as ruas. Entretanto, no meio d'aquella casaria, em geral de apparencia pouco agradavel, existe uma antigualha que merece attenção, e que faz pena não estar melhor situada. É uma casa nobre de architectura gothica, com suas janellas de columna ao centro, e coroa de ameias em volta do telhado. É construcção do principio do seculo XVI, e propriedade e residencia da familia Van-Zeller. A frontaria principal, em que se abrem duas galerias de janellas, deita para a rua da Reboleira, que é uma das peiores d'aquelle bairro. Os outros dois lados da casa apparecem na estampa por detraz da rua de *Cima do Muro*.

Além do antigo lanço de muro ameiado da cêrca das freiras de Santa Clara, descobre-se ainda a cidade estendida sobre altas e escarpadas rochas, que o rio banha. Vêem-se alli algumas bonitas casas com seus jardins, e o *passeio das Fontainhas*, que consiste em uma pequena alameda sobranceira ao Douro, guarnecida de assentos de pedra, e com uma fonte de muito boa agua. Goza-se d'aqui uma perspectiva de infinita belleza e de variadissimos contrastes.

Aquella estreita garganta de fragas inhospitas e denegridas, que apertam a corrente do rio até vir lançar-se por diante da cidade; as montanhas que se erguem no fundo do quadro; e a serra do Pilar, com o seu historico mosteiro, feito em ruinas pela guerra, e condecorado por galardão com as honras de fortaleza de primeira ordem, já os nossos leitores as conhecem pelas gravuras e artigos publicados a pag. 49 d'este volume, 381 do V, e 105 do IV. De Villa Nova de Gaia, cujo extremo de léste se espelha no Douro aos pés d'aquelle mosteiro, havemos de tratar com mais vagar, e em occasião opportuna. Esta importante povoação, emporio dos vinhos do Alto Douro, centro de grande industria, pede artigo especial, e um logar distincto n'este semanario. Resta-nos, portanto, fallar da ponte pensil, que, unindo a cidade do Porto a Villa Nova de Gaia, dá passagem á magnifica estrada macadamisada que atravessa Portugal desde Lisboa até aos Arcos de Val de Vez, e em breve até Valença.

Durante seculos era uma ponte de barcas que communicava as duas margens do Douro, em frente da segunda cidade do reino. Já se vê que no inverno ficavam muitas vezes, e por longo espaço de tempo, interrompidas as relações da capital não só com o Porto, mas tambem com as provincias no norte; pois que as cheias do rio, tão communs n'essa estação, obrigavam logo a auctoridade a mandar desprender as barcas e levantar a ponte, para que a violencia da corrente a não destruisse e arrebatasse, como não poucas vezes succedeu, ora por desleixo na promptidão das ordens, ora pelo repentino crescimento das aguas.

As immensas difficuldades que apresenta este rio para ser cortado por uma ponte de pedra, explicam naturalmente a razão por que até aos fins do seculo passado se não proveu de remedio a tão grande mal. Porém deixar correr mais de meio seculo depois que a arte introduziu e multiplicou na Europa as pontes suspensas, inventadas pelos chins [1], sem que se fizesse um esforço para remover aquelle grande estorvo, e causa de prejuizos ao nosso commercio interior, é coisa que não se póde explicar senão pelo nosso proverbial desleixo. As invasões e guerras do principio d'este seculo, e as luctas e discordias intestinas que absorveram com pequenos intervallos os seus dois primeiros quarteis, não bastam para desculpa de tão grande incuria.

Coube, porém, ao reinado da sra. D. Maria II, de saudosa memoria, a gloria de dotar a cidade do Porto e o paiz com um melhoramento tão importante, como foi a ponte pensil que ora atravessa o Douro.

A primeira tentativa data do anno de 1837, em que o sr. conde de Lucotte, por parte de uma companhia, apresentou ao governo uma proposta para a edificação de uma ponte suspensa entre o caes de Villa Nova de Gaia e a praça da Ribeira no Porto. A proposta ia acompanhada de uma planta da projectada ponte, feita pelos engenheiros mrs. Mellet e Bigot.

Annuiu o governo promptamente, mas a camara municipal do Porto e os moradores da praça da Ribeira representaram contra este projecto, allegando que as construcções e amarrações proprias de uma ponte suspensa entrariam muito pela praça dentro, obstruindo-a, e embaraçando o grande movimento commercial que ahi ha diariamente.

Para obviar a estes inconvenientes, modificou a companhia aquelle plano de modo que, em logar de dois arcos de suspensão erigidos nas extremidades da ponte, construir-se-hia só um, mas colossal, no meio do rio, e nas duas margens apenas quanto bastasse para prisão das amarras.

A camara municipal approvou e applaudiu muito este projecto, que a diversas vantagens economicas e de muita importancia para a cidade juntava a elegancia e riqueza de construcção como monumento publico, sobre tudo no grande arco de suspensão, que era verdadeiramente triumphal.

Chegou a dar-se começo aos trabalhos; porém taes duvidas e receios se originaram, de suppostos perigos e prejuizos maritimos na occasião das maiores cheias, e de pejamento no porto, que se levantou e tomou vulto uma forte opposição á edificação da ponte n'aquelle sitio.

Recorreu a companhia ao governo, e este consultou o inspector geral das obras publicas do reino, o fallecido Luiz da Silva Mousinho de Albuquerque. Este sa-

[1] A primeira ponte suspensa que a Europa viu foi construida na Inglaterra, sobre o Severn, no anno de 1779.

bio funccionario partiu immediatamente para o Porto; ouviu as queixas e apprehensões; examinou as diversas localidades apropriadas á execução da obra; e escolheu para este fim as abas da serra do Pilar, no logar em que principia a levantar sobre o Douro, junto a Villa Nova, a massa informe de suas rochas graniticas. Mousinho de Albuquerque baseou a sua escolha nas seguintes razões: 1.ª Deixar livre e desembaraçado o porto da cidade ao seu grande e crescente commercio maritimo. 2.ª Procurar situação onde, em tempo opportuno, podesse a ponte dar passagem á nova estrada de Lisboa ao Porto, sem as difficuldades de expropriações onerosissimas, como veiu a realisar-se ha poucos annos. 3.ª Poder-se construir a ponte em elevação muito superior ás maiores cheias, conservando-se, por conseguinte, sempre viavel; dissipando d'est'arte os terrores panicos de que podesse sobrevir tal crescimento de aguas, que estas arrebatassem a ponte, e varressem com ella para o mar todos os navios ancorados no rio.

Adoptado este alvitre pelo governo e pela companhia, a contento tambem da camara municipal, e approvado o novo risco da ponte, feito pelo engenheiro Estanisláo Bigot, fez-se a inauguração dos trabalhos no dia 2 de maio de 1841, anniversario da abdicação do sr. D. Pedro IV na pessoa de sua augusta filha, a sra. D. Maria II. Celebrou-se aquelle acto com a solemnidade usada em taes casos, assistindo á ceremonia as auctoridades e camaras municipaes do Porto e Villa Nova de Gaia.

No principio de fevereiro de 1843 estava a ponte acabada, restando apenas a conclusão de algumas obras accessorias. Fizeram-se, pois, as costumadas experiencias, collocando-se sobre o leito da ponte um consideravel peso, que se compunha de muitas pipas cheias de agua, e de grande quantidade de madeiras. Quando a companhia, porém, se occupava dos preparativos para dar a maior solemnidade á abertura da ponte ao transito publico, sobreveiu repentinamente uma cheia tão grande no dia 17 do dito mez de fevereiro, que foi mister tirar logo a ponte de barcas, e franquear ao povo a nova ponte sem mais ceremonias de inauguração.

Desempenhou o engenheiro com muita proficiencia e felicidade a difficil missão de que se encarregou. A ponte ficou elegante, solida e monumental; e com tanto acerto e prudencia foram dirigidos os trabalhos, que não houve accidente algum desastroso durante a sua construcção, circunstancia digna, por certo, de se notar em uma obra grande e ousada.

A extensão total da ponte é de 170^{m},14, mais 15 metros do que a largura do Douro. O pavimento, incluindo os dois passeios dos lados, é de 4^{m},10 de largura; a elevação acima do nivel do rio, no seu estado normal, é de 10 metros, ou pouco mais.

Suspendem a ponte quatro obeliscos, ou grandes pilares de granito, collocados dois em cada extremidade, unidos junto aos capiteis, que são de ordem dorica, por uma barra ou travessa de ferro, em que se lê a seguinte inscripção: «D. Maria II — 1842». Os obeliscos tem quatro faces, 18 metros de altura, e são coroados com umas espheras de pedra sobre acroterios. A madeira empregada no pavimento e nas guardas foi toda de pinho de Flandres. As traves, cabos de amarração e de suspensão, estribos, etc., tudo é de ferro.

A obra de madeira tem sido por vezes reformada. A de ferro cremos que ainda se conserva em bom estado, apesar dos vinte e um annos de uso continuo e tão pesado. Todavia, não tem faltado apprehensões ácerca da sua segurança, as quaes tem levado a auctoridade a proceder a novas provas, carregando a ponte com grandes pesos durante um certo espaço de tempo. Porém a mais cabal prova, do que essas experiencias officiaes, assistimos nós em um dia de dezembro do anno passado, pois que vimos aguentar a ponte o peso e o balanço que lhe imprimiam dez carros, todos com grandes cargas, passando ao mesmo tempo em direcções oppostas, e juntamente com elles muita gente a pé, e alguma a cavallo. Este facto, que é sem duvida uma imprudencia, mas que se repete de ordinario em certos dias da semana, em que é extraordinariamente grande a concurrencia dos carros e do povo dos arrabaldes do sul á cidade, deve fazer desvanecer a exaggeração das apprehensões. Entretanto não póde dispensar a companhia, nem a auctoridade, de exercerem constante vigilancia e fiscalisação, para que seja bem conhecido o estado de segurança da ponte, e se evitem imprudencias, que podem ser causa de uma gravissima desgraça.

As despezas de construcção d'esta ponte foram feitas por uma companhia de accionistas, que usufrue em compensação os rendimentos da mesma ponte, que consistem no preço da passagem dos transeuntes, segundo a tabella estatuida pelo contrato feito com o governo, e approvado pelas cortes.

I. DE VILHENA BARBOSA.

MEMORIAS DE UMA BOLSA VERDE

(Vid. pag. 138)

VIII

«Nunca vim a saber o que se passára na casa, d'onde fôra tão bruscamente, e tão involuntariamente expulsa! Apenas eu caíra no chão, um gaiato de pé descalço, que passava por acaso, abaixou-se, apanhou-me, e largou a correr, apertando-me nas mãos, com uma tal velocidade, que, por mais ligeiro que fosse Eduardo em me vir apanhar, logo percebi que não havia esperança alguma de que o conseguisse.

«A corrida era desenfreada. Apertada na mão callosa do garoto, eu, habituada ao fino contacto das mãos aristocraticas, que até ahi me tinham manuseado, sentia dores atrozes, e uma profunda humilhação. Eu, a favorita dos opulentos, tratada assim tão irreverenciosamente por um rapaz pertencente á escoria da sociedade! Ao meu passado de gavetas de secretárias, de sophás, de divans, de tapetes, ia succeder um futuro de palheiro, de calças esfarrapadas, de degraus humidos de escadarias. As feridas, abertas na minha pelle, tão cuidadosamente curadas e cicatrizadas pela minha senhora, iam agora ser abandonadas, e talvez alargadas pelos dedos travêssos do rapaz da rua. Tudo isto ia eu pensando, em quanto o meu roubador corria a bom correr, primeiramente pelas ruas da cidade, e depois já pelo campo.

«Ninguem se tinha importado com elle. Um rapaz descalço á desfilada, não é um caso tão grave, e tão raro, que os encarregados da policia descessem da sua dignidade, para inquirirem o que motivára a carreira despedida em que elle ia.

«Chegou ao pé de uma fonte, e, pensando provavelmente que já estava fóra do alcance de seus perseguidores, entendeu que podia descançar. Por conseguinte estirou-se em cima da relva, e tirando da algibeira um lenço muito esfarrapado, começou a limpar o suor que lhe escorria pelas faces.

«Estavamos já nos primeiros dias da primavera, e os campos revestiam-se de um manto verdejante, que os malmequeres e as boninas esmaltavam. A agua da fonte corria com um doce murmurio, e myriadas de insectos com as azinhas doiradas pelo sol, esvoaçavam zumbindo pelo prado. O sopro, mysteriosamente vivificador, da primavera percorria a creação.

«O meu novo possuidor deitára-se, como já disse, em cima da relva, e collocára-me ao seu lado. Para mim tudo quanto me rodeava era completamente novo. Eu nunca tinha saído da cidade, e o aspecto dos campos enchia-me de prazer. Parecia-me que respirava um outro ambiente, que via um ceo mais largo, mais azul! Um enxame de novas sensações se agitava dentro de mim.

«Assim estava eu boquiaberta, olhando para tudo com uma alegre curiosidade. As feveras de herva que se agitavam em torno mettiam as suas cabecinhas tambem curiosas pelos intersticios da seda, a fim de observarem que monstro desconhecido eu era. As boninas, *coquettes* como todas as flores, mostravam-me com desvanecimento a sua formosura, para verem se d'ellas me enamorava. Era a tentação, que todas as formosas sentem, de fascinar os estrangeiros. Os dois proverbios: «Ninguem é propheta na sua terra» «Santos de casa não fazem milagres», são n'este caso da mais escrupulosa exactidão. As abelhas, que vem de fóra, extrahem mais depressa a essencia das flores, do que as que pertencem á colmeia do jardim.

«Eu sentia correr um indizivel murmurio pelo prado. O vento, acamando a relva e as florinhas, perguntava-lhes, no seu dialecto incomprehensivel, que vós não entendeis, mas que para todas nós é clarissimo, quem era a recem-chegada. E os bichinhos pequeninos, que arfavam debaixo de mim, respondiam que era o Hymalaia, e os insectos zumbidores respondiam que era uma grande flor verde com estames de oiro.

«O que é certo é que eu consubstanciava-me de todo com a relva que me cercava. Egualmente verde, não transtornava em nada a unidade do tapete, e as minhas borlas de oiro matizavam-n'o agradavelmente.

«Assim estava n'aquelle *dolce far-niente*, e confesso que, apesar de me lembrar de vez em quando dos donos que me eram tão affeiçoados, e de quem me tinha separado, as saudades que sentia eram attenuadas bastante pelo prazer completamente novo que me embriagava.

«Mas aquelle ocio não podia durar sempre. O Tytiro, que me apanhára, não estava muito disposto a repoisar *sub tegmine fagi*, mais do que convinha á sua indole vagabunda, e depois de ter saboreado, por espaço de dez minutos, quando muito, as delicias da posição horisontal succedendo á rapidez da corrida, levantou-se, dirigiu-se á fonte, encheu de agua a palma da mão, disposta para esse fim, levou-a á boca, bebeu, repetiu por duas ou tres vezes esta operação, e depois, dirigindo-se a mim, levantou-me do chão, e foi-me levando socegadamente pelos campos fóra.

«É tempo agora de descrever o meu novo dono. Era um rapazito dos seus quatorze annos, de rosto alegre e queimado, com uns olhos negros muito vivos e rasgados, uma boca grande, que parecia estar sempre preparada para as gargalhadas. Todo o seu fato consistia n'umas calças rotas, n'uma camisa muito suja, e n'uma jaqueta tão arremendada, que era um verdadeiro mosaico, porque creio que tinha todas as côres do espectro solar, e todas as combinações que com ellas se podem fazer. Um bonet, que estava rodeado por uma densa armadura de sêbo, occupava o alto da cabeça; porque julgo não haver exemplo de ter sido collocado na posição habitual, e a testa do garoto, se lhe dissessem que este possuia um bonet, estou que ficaria summamente espantada.

«E lá ia elle por ahi fóra, baloiçando o corpo a compasso de uma cantiga, devida ao seu genio musical, distrahindo-se no caminho a apanhar borboletas, a atirar pedras aos cães, fugindo depois a bom fugir quando estes o perseguiam ladrando, trepando acima das arvores da estrada a espreitar se já haveria ninhos entre os seus ramos, cobertos de novas folhas, e saltando os muros dos pomares, para se ir empoleirar nas larangeiras, trincando as laranjas verdes ou maduras, que se lhe deparavam.

«Devo confessar que a minha situação durante estas excursões, motivadas pelos entretenimentos do meu dono, não era das mais invejaveis, e que bastantes vezes amarguei o gosto que sentíra, respirando o ar dos campos. Com effeito o gaiato attendia mais aos seus prazeres do que ás minhas commodidades, e nem posso descrever os sustos que curti, quando os cães corriam atraz de nós, e que eu via os seus dentes agudos, que seriam capazes de me despedaçar n'um segundo; a triste impressão que eu sentia, vendo as borboletas tão gentis, tão galantinhas, nas garras do seu caçador cruel; as dores que me faziam os esgalhos das arvores, rasgando-me sem piedade, em quanto elle subia descuidoso, indifferente, afastando a ramaria, para ver se, n'alguma verdejante alcova, não teria ido a carinhosa mãe dos passarinhos depôr o berço gentil, que as auras embalariam.

«Sobre tudo o que me atormentava era o costume que elle tinha de saltar os muros dos pomares para se ir sentar nas larangeiras, a fartar-se d'esses pomos, que a antiguidade chamou aureos por serem vermelhos, e que o seu Camões asseverou terem

A côr que tinha Daphne nos cabellos;

o que é pouco lisongeiro para a belleza d'essa nympha, que vinha a ser hyper-ruiva, se acreditarmos as asserções do cantor dos *Lusiadas*.

N'este ponto tornei eu a interromper a bolsa tão prodiga em reflexões.

— O espanto, em que me colloca a sua erudição, impede-me de reprehender energicamente o tom com que falla n'essa gloria nacional. Mas diga-me quem a fez tão instruida?

— Não anticipemos os acontecimentos, como diria o Visconde d'Arlincourt, respondeu-me a bolsa.

— O quê? Pois tambem leu os romances do visconde d'Arlincourt?

— Então! meu amigo, tornou-me a narradora, suspirando, nem tudo são rosas na instrucção.

— Bem, continue.

«Como já disse, esse costume do meu dono incommodava-me sobremaneira; porque a escalada tinha para mim todos os seus inconvenientes, e muitos mais, sem ter nenhuma das suas vantagens. Em primeiro logar a subida pelo muro era summamente incommoda; porque o bom do meu amigo, tendo todas as algibeiras rotas, e, por conseguinte, não me podendo confiar a nenhum d'esses toneis das Danaides, de que as suas calças e a sua jaqueta estavam tão amplamente providas, levava-me na mão, apertava-me sem ceremonia de encontro ao muro, e esmagava-me, torturando ao mesmo tempo uma pobre meia coroa, que eu tinha dentro de mim, e que eu sentia, de afflicta, resmungar no meu seio.

«Depois, quando, á força de trabalhos e de arranhões, chegavamos ao cimo do muro, novos desastres nos esperavam. Garrafas partidas formavam uma especie de negra palissada, dispostas d'aquella maneira para enterrar os seus dentes agudissimos nos aventureiros que intentassem a conquista. Mas o meu dono, que era, segundo parece, já prático n'aquelles assedios, tinha tomado as suas precauções, e foi então que eu vi que não era só a questão das algibeiras que o inhibia de me resguardar, mas sim tambem uma questão de defesa propria. Eu, malfadada, servia-lhe de escudo! Eu era, para assim dizer, o *césto*, á sombra do qual o maroto jogava o murro com as paredes. N'uma das mãos ia eu, na outra o lenço de assoar muito embrulhado. A mão, que eu protegia, era ainda assim a que estava resguardada melhor; porque o tal

lenço, para fallarmos verdade, parecia a moldura de um quadro ausente; um immenso rasgão formado por uma multidão de rasgõesinhos que se tinham annexado, occupava o centro, rodeado em toda a extensão por uma pobre tira. Creio que a historia d'essa transformação se póde explicar geographicamente. Imagine que o lenço ao principio se assimilhava com aquelle territorio da America do Norte, onde existe o lago Ontario, cercado de muitos outros. Supponha que um grande cataclysmo rasgava os terrenos que separam esses lagos, e que as aguas trasbordando, e unindo-se, formavam um verdadeiro mar no genero do mar Caspio. Ahi tem o que succedeu com os rasgões do lenço do garoto.

— V. exc. permitte-me, interrompi eu, que a proponha para socia do Instituto Geographico de Paris?

— Muito obrigada! Não estou agora decente para entrar n'uma academia.

— Pelo contrario, minha senhora, tornei eu, as bolsas vasias devem ser, da mesma fórma que as cabeças, as que mais depressa sejam admittidas n'essas sociedades sábias. Póde continuar.

«Não findavam aqui os meus soffrimentos. Experimentava alguns rasgões, mas consolava-me com o pensamento de que o meu sacrificio era util ás mãos do meu dono, por quem eu professava uma secreta e inexplicavel sympathia. É verdade que o demonico do rapaz parecia não se affligir muito com as arranhadellas que recebia. A mão esquerda, confiada á protecção nominal do lenço de assoar, chegava toda em sangue, e isso, em vez de lhe diminuir a alegria, parecia augmentar-lh'a e dar melhor sabor ás laranjas com que se fartava.

«Ahi se empoleirava elle, por conseguinte, sentando-se no ponto de união de dois ramos, toucado de folhas, baloiçando os pés no ar, e enviando as mãos em toda a direcção, a fazerem uma atrevida *razzia* aos taes pomos de oiro do antigo jardim das Hesperides. E quer as laranjas estivessem ainda verdes, e por conseguinte amarellas (n'esse caso tem razão Camões e a antiguidade), quer estivessem já em pleno sazonar, e por conseguinte trajassem a purpura que merecem, como rainhas que são de todos as fructas, o meu bom gaiato apanhava-as sempre com uma imparcialidade digna de especial menção, e, ministro justiceiro dos negocios do seu estomago, escolhia para funccionarios todos os fructos, sem distincção de côres.

«Era um bello espectaculo o d'esse rapazito roto, esfarrapado, mais feliz no seu throno de cortiça do que os reis no seu throno de oiro, comendo as laranjas do proximo com mais satisfação, de certo, do que a que sente o czar da Russia ao devorar o producto dos roubos de que é victima a infeliz Polonia.

«Mas por fim de contas vinha a ser eu quem soffria as más consequencias dos prazeres do meu senhor. Para poder comer á sua vontade, o meu amigo largava-me e pendurava-me no primeiro ramo que lhe ficava á mão. O vento baloiçava o ramo; ás vezes um gatinho, que andava passeiando por cima dos muros, vendo-me ondular na extremidade, saltava e principiava a brincar commigo. A isto reunia-se o susto de me ver n'uma altura para mim desmesurada. Era necessario que os latidos de um cão de guarda viessem inquietar o meu dono, para que elle se lembrasse de me tirar da minha incommoda posição, a fim de operar a sua retirada.

«Já vê, por conseguinte, que a minha existencia aventurosa, se tinha as suas vantagens, tinha tambem os seus inconvenientes.

(Continua)

M. Pinheiro Chagas.



Estatua de Schiller em Francfort sobre o Mena

SCHILLER

INAUGURAÇÃO DA SUA ESTATUA EM FRANCFORT SOBRE O MENA

O nome de Schiller representa uma das glorias litterarias da Allemanha. O genio dos grandes homens ornára-lhe a fronte com a triplice coroa de poeta, de historiador, e de philosopho. A admiração dos seus conterraneos honrou-lhe a memoria, cercando-a de um culto que parece augmentar de anno para anno. E não foi sómente a Allemanha que concedeu a Schiller um logar distincto entre os seus escriptores mais eminentes; a Europa tambem o collocou a par das suas maiores illustrações dramaticas.

Porém, como acontece quasi sempre aos que trilham com lustre o caminho das lettras ou das artes, de ordinario tão cheio de escabrosidades, e tão semeado de espinhos, Schiller luctou com muitas e variadas difficuldades antes de ver recompensados, pelo favor publico, as suas fadigas e esforços. Primeiro que elle entrasse na carreira onde o esperava a gloria, entrou a lucta no seu espirito e na sua vida, a lucta de uma vocação irresistivel contra as influencias estranhas, as conveniencias de familia, e tambem as proprias necessidades, que lhe aconselhavam, pediam, e até exigiam o sacrificio das inspirações do seu genio a uma profissão mais lucrativa.

Nasceu Schiller no dia 10 de novembro de 1759 em Marbach, pequena cidade do reino de Wurtemberg. Apesar da condição obscura em que teve o berço, pois que seu pae era feitor da quinta de um fidalgo, a sua educação foi dirigida com certo cuidado e esmero, proprios de um pae que destina esse filho ao estado ecclesiastico.

Ainda que obediente ás vontades paternas, não deixava o mancebo de mostrar a sua repugnancia para similhante estado. O pae, por sua parte, não querendo violentar as inclinações do filho, franqueou-lhe o passo para a vida militar. Desgostou-se em breve o joven Schiller da sua nova carreira; e eil-o optando pela advocacia. Passado pouco tempo trocava esta pela da medicina. E tudo isto eram esforços baldados, não por negligencia ou versatilidade do mancebo, mas porque não eram appropriados aquelles estudos á sua organisação; nenhum d'elles excitava ardor na sua alma; em nenhum se revelou a sua intelligencia; nenhum fez alvorecer o seu genio. Em quanto procurava iniciar-se nos mysterios da theologia, nas theorias da arte militar, nos preceitos da jurisprudencia, e nos segredos da medicina, fugiam-lhe as idéas e os pensamentos para as regiões da poesia; e na sua alma juvenil ficava um vacuo immenso, que não podia encher-se com a prosa dos livros abertos diante de si.

Uma representação theatral, a que assistíra Schiller, contando apenas nove annos de edade, foi o que despertou na sua alma infantil a vocação que lhe abriu as portas da immortalidade. Por tal fórma o impressionára aquella representação, que no anno seguinte começou a traçar planos e a escrevinhar scenas dramaticas.

Os seus progressos no latim foram assombrosos. Quem o visse estudar com tão desvelada applicação, julgaria que o excitava o desejo de entrar depressa na vida ecclesiastica. Mas se lhe perscrutassem os designios intimos, conhecer-se-hia que o seu alvo era a interpretação dos grandes poetas da antiguidade. E com effeito, logo que se achou habilitado, esse é que era o seu estudo predilecto. O tempo que lhe sobrava das lições das escholas, empregava-o todo com avidez na leitura de Homero e de Virgilio, e tambem na do religioso Klopstock e na da Biblia. A poesia sublime, maviosa, e repassada ao mesmo tempo de philosophia e de melancolia, que se vê estampada em cada pagina d'aquelles livros, harmonisando-se perfeitamente com as disposições naturaes do moço Schiller, exaltavam e fortificavam de dia para dia a inclinação que lhe alvorecêra aos nove annos.

No momento, porém, em que o seu espirito se elevava ás regiões superiores, onde o genio se desprende de todas as péas, viu-se o pobre mancebo contrariado nas suas aspirações e nos seus habitos, e constrangido a seguir uma carreira absolutamente opposta ao que já era n'elle uma irresistivel vocação. Aqui principiou a lucta, primeiramente a lucta do genio contra as difficuldades que sempre tendem a eleval-o e engrandecel-o; depois a lucta do homem contra a sociedade, que assim ousava escravisar-lhe a alma, e amortecer-lhe o fogo que d'ella se irradiava.

Foi n'estas circumstancias que o joven Schiller compoz e deu ao publico, aos 25 annos de edade, a sua primeira producção dramatica, intitulada os *Salteadores*.

O drama revelava com exactidão o estado d'aquelle espirito, ora agitado da colera, ora prostrado pelo desalento, umas vezes estimulado pelo desejo da gloria, outras quebrantado pelas magoas e desgostos, agora vingativo ou justiceiro, logo clemente e generoso. Os salteadores não eram uns facinoras impellidos para o crime pela cubiça do oiro, ou pela sêde do sangue; mas sim uns instrumentos da justiça divina, que, instituindo tribunal em uma caverna, despojavam os ricos para soccorrer os pobres, e affrontavam e oppriniam os poderosos em vingança e para allivio das oppressões e aggravos que padeciam os fracos.

Schiller retratou-se a si proprio no chefe dos salteadores; esboçando em cada scena um quadro de represalias contra a sociedade que pertendêra torcer-lhe o genio, e violentar-lhe a vontade. Carlos Moor figura no drama como um verdadeiro heroe, possuido dos mais nobres sentimentos, e sacrificando-se corajosamente, cheio de abnegação e desinteresse, pela causa dos que soffrem.

Coube ao theatro de Manheim a honra da estreia dos *Salteadores*. O acolhimento do publico não podia ser mais benevolo para o auctor, nem mais enthusiastico para a sua obra. E para que se ajuize do modo por que foi escripto o drama, e conduzida a acção, bastará dizer que tal impressão produziu, que varios mancebos, soltando-se dos braços de suas familias, foram-se estabelecer nas serras ou nas florestas, seguindo a vida e exemplos de Carlos Moor. Este successo fez que a Schiller custassem caros os seus assomos de despeito contra a sociedade, pois que foi encerrado na cadeia de Sttugard, onde jazeu por algum tempo.

Não é nosso intento traçar aqui a vida d'este grande escriptor, vida pobre de acontecimentos importantes, mas muito rica de lucubrações litterarias e scientificas. E esta razão nos faz parar no empenho em que parecíamos entrados, porque a analyse de tantas e tão variadas producções com que enriqueceu a litteratura allemã, levar-nos-ha muito mais longe do que o permittem, senão os limites d'este jornal, a conveniencia dos leitores, que pede, certamente, variedade de assumptos. Com o que deixâmos escripto só pretendemos mostrar como nasceu a inspiração no illustre poeta; como n'elle se revelou o genio; como o genio se lhe sublimou na lucta, e venceu alfim; e como se estreiou no theatro allemão um dos primeiros auctores dramaticos da Allemanha.

Os *Salteadores*, a *Conjuração de Fiesque*, *D. Carlos*, *Wallenstein*, *Joanna d'Arc*, *Maria Stuart* e *Guilherme Tell*, são, entre muitas outras producções d'este genero, os seus principaes titulos de gloria. Porém ainda adquiriu celebridade, ostentando a profusão dos seus conhecimentos, e o vigor das suas faculdades intellectuaes, nos artigos e obras que publicou de historia, romance, politica, philosophia e poesia, não obstante certas faltas e desegualdades que se notam em alguns d'estes trabalhos.

Schiller era alto, magro, de rosto comprido, tez pallida e cabellos ruivos. Tinha as sobrancelhas unidas, como se fossem só uma; os olhos pardos, o nariz aquilino, e um pouco recurvado; o beiço inferior mais saído que o superior; e as faces cavadas. A sua voz era aspera, aguda, e por conseguinte dissonante.

A melancolia e a meditação eram as expressões habituaes da sua physionomia; mas quando a conversação vinha animal-a, a sua fronte, de ordinario inclinada sobre o peito, erguia-se com singular movimento de nobre altivez, e seus olhos, embaciados pela contínua leitura, e amortecidos pelas vigilias, brilhavam com o fulgor do enthusiasmo e da eloquencia que lhe doirava os pensamentos e as phrases.

Entretanto, o que havia de desagradavel no seu aspecto e na sua voz, ficava plenamente compensado pela doçura da sua indole, pela nobreza do seu caracter, pela elevação das suas idéas, pela modestia e singeleza das suas maneiras, e pela simplicidade do seu viver.

A morte veiu colher o poeta em meio da sua carreira gloriosa. Schiller morreu no dia 9 de maio de 1805, victima de um typho, não tendo ainda completado 46 annos. Apesar d'este fim tão prematuro, viveu bastante para que o seu nome passasse á posteridade cercado de uma aureola, que parece augmentar de brilho com o correr dos annos.

Schiller gozou de um privilegio pouco commum nos homens da sua esphera, pois que viu apreciados os seus talentos, estimadas as suas qualidades pessoaes, e coroados os seus esforços, não só pelas sympathias populares, mas tambem pela amizade dos sa-

bios, e pela protecção dos grandes. Os duques de Weimar e de Holstein, e os reis da Prussia e da Dinamarca, acolheram-n'o com distincção, e dispensaram-lhe favores. Os homens mais illustres da Allemanha honravam-se de ter relações com elle; e os mais afamados escriptores do seu tempo, particularmente Goëthe, procuravam com desvelo um logar no seu coração.

Depois da sua morte toda a Allemanha tem prestado extraordinarias homenagens á sua memoria. Muitas cidades lhe tem levantado estatuas, e o primeiro anniversario secular do seu nascimento foi celebrado em todos os estados germanicos como um dia de festa nacional.

Sttugard foi a primeira cidade que lhe erigiu estatua, e Francfort, sobre o Mena, foi a ultima. Esta cidade pagou o seu tributo de veneração á memoria do grande poeta dramatico, inaugurando a sua estatua no dia 10 de novembro de 1859, primeiro anniversario secular do seu nascimento. Foram dois dias completos de solemnidades e regozijos publicos, pois que aos festejos officiaes seguiram-se os populares, entrando pela noite até á madrugada. A cidade mal podia conter a multidão de povo que alli affluiu, não só das visinhanças, mas tambem de muitas terras distantes, desejosa de presenciar mais aquella apotheose do poeta querido dos grandes e amado dos pequenos.

A nossa gravura, copiada de outra publicada pela *Illustração* franceza, representa esse monumento consagrado a Schiller pela cidade de Francfort sobre o Mena. É de bronze a estatua, e dizem que de magistral execução. É obra do distincto esculptor J. Dielmann, e foi fundida nas officinas de Miller, em Munich. Importou em 14:000 florins, que correspondem, pouco mais ou menos, a 4:500$000 réis da nossa moeda.

O monumento é simples, mas bello, pela perfeição da estatua. O artista representou o poeta em pé, n'uma posição esbelta e nobre, com a fronte erguida, os olhos voltados para o ceo, como quem ahi procura inspirações, ou vae seguindo com a vista o curso de seus elevados pensamentos, e com a mão pegando na penna que o immortalisou pela creação de tantas obras primas.

I. DE VILHENA BARBOSA.

TRES POETAS

A. A. SOARES DE PASSOS

(Vid. pag. 125)

Continuemos a considerar o poeta debaixo d'este aspecto philosophico, quando elle, solto da terra, se enleva na contemplação religiosa; citaremos ainda outras duas poesias, ambas muito notaveis. A primeira é o *Anjo da Humanidade*, a segunda a *Visão do Resgate*.

Soares de Passos, n'estas duas poesias, sae do trilho vulgar. A inspiração religiosa não abala as suas crenças no progresso; fortifica-as. Soares de Passos não se inscreveu na lista dos poetas que, seguindo as pisadas de Lamartine, se debruçam sobre as ruinas dos mosteiros a chorar o passado, e a lastimar que o sopro do progresso derrubasse a estatua da fé que brilhava na fachada d'esse caduco edificio das velhas instituições; nem se inscreveu tambem na lista dos sectarios de Musset, d'esse *filho do seculo*, como elle se intitulava, que entendia que a nova geração não podia conservar o crucifixo a par do caminho de ferro, a crença no christianismo a par da crença no progresso.

Pobres defensores das doutrinas de Jesus, aquelles que suppõem que a fé só se póde basear na ignorancia, e que a humanidade não póde dar um passo sem offender a Deus! Pobres defensores das doutrinas de Jesus, aquelles que, illudidos pela poesia que tem em si todas as ruinas, suppõem que o mosteiro da edade média, acabado de construir, e povoado de frades devassos e ignorantes, seria tão poetico como o convento arruinado e solitario, em cujas arcadas ogivaes, cobertas de hera, perpassa e geme a viração da noite; aquelles que vêem uma epocha através do prisma da distancia, e que nos querem fazer acreditar que a edade média era a epocha das crenças vivas e puras, quando a historia nos mostra que era essa a epocha em que a religião do bom Jesus estava completamente desfigurada pelas interpretações supersticiosas e sanguinarias dos que accendiam as fogueiras onde ardiam albigenses e feiticeiros!

E dizem-nos esses poetas *christãos*: «O fumo do caminho de ferro obscureceu a pura atmosphera onde volteava a musa. Foi-se a poesia do mosteiro, a poesia da fé, a poesia do christianismo. O progresso matou-a de envolta com a religião».

Pobres loucos, que não vêem que foi exactamente na epocha dos caminhos de ferro e dos telegraphos electricos que se comprehendeu pela primeira vez essa poesia do mosteiro, essa poesia das crenças populares, essa poesia do mysticismo. A poesia caminha com o espirito humano, e, á medida que se abrem para este mais vastos horisontes, tambem aquella se desenvolve e accrescenta. Se Lamartine e Chateaubriand evocassem os monges, resuscitassem a sociedade da edade média, e lhes dissessem: «A poesia existia nos vossos mosteiros, nos vossos torneios, nas vossas superstições; nós estamos actualmente n'uma epocha de prosa», elles de certo olhariam espantados para Chateaubriand e Lamartine, tão injustos para comsigo mesmos e para com o seu seculo.

Ha pouco tempo teve o mundo o espectaculo de uma lucta lastimavel, e que mais o seria se d'ella não saísse esse livro admiravel de Eugenio Pélletan, que se chama *Le monde marche*. Lamartine, o poeta das *Meditações*, combatia o progresso e os seus defensores em nome da religião e da poesia. Pélletan respondia-lhe admiravelmente, citando-o a elle mesmo e á pleiade de poetas que se lhe seguiram, como prova do progresso na poesia e na moral religiosa.

Se Pélletan conhecesse o *Anjo da humanidade* e a *Visão do resgate*, estou certo que se reconciliava para sempre com a poesia metrificada, de que elle, o grande poeta da prosa, é tão caloroso adversario.

O *Anjo da humanidade* é uma poesia magistral, quer a encaremos pelo lado poetico, quer pelo lado philosophico. As oitavas camonianas, de uma correcção pouco vulgar, são das melhores que conheço em portuguez. O estilo sempre elevado e magestoso! O pensamento sublime! A metrificação harmoniosissima!

A poesia abre-se com a descripção do Empyreo. Essa descripção é admiravel, e mais admiravel seria se o poeta não tivesse empregado na construcção da morada do Omnipotente os materiaes terrestres, de que todos os poetas se tem servido, se não tivesse ornado a Jerusalem celeste com columnas de diamante, com pedrarias e harpas de oiro. Bem sei que uma descripção em que não se empregasse este systema, seria ou difficilima ou incomprehensivel. Mas isso não me impede de considerar como a parte melhor da descripção a que se resume na seguinte estrophe:

Na parte mais recondita e profunda
A Essencia divinal seu throno encerra,
D'onde a fonte d'amor brota fecunda,
Os orbes animando, o ceo e a terra;

Um mar de luz seus penetraes circunda,
Que o proprio archanjo deslumbrado aterra,
Luz que em triangulo ardente se condensa
Quando o Eterno os oraculos dispensa.

O anjo, a quem Deus confiou os destinos da humanidade, apparece subitamente na divina estancia. Vem narrar ao Omnipotente o modo como tem cumprido os seus mandados, e perguntar-lhe para onde ha de guiar os passos dos humanos, em quem os continuos males que os cercam, as trevas que os rodeiam, inspiram o mais profundo desalento. Conta os estadios immensos já percorridos no caminho do progresso, em versos dignos do assumpto:

«Quantos velhos sophismas desterrados!
Quantos idolos falsos em ruinas!
Quantos sabios triumphos alcançados!
Quantas conquistas, immortaes, divinas!
Calcando o pó dos seculos passados,
O homem corre ao fim que lhe destinas;
Mas ah! Senhor, no meio da tormenta,
Seu valor esmorece e desalenta.

«Seu valor esmorece! tantas lidas,
Tanto luctar continuo das edades,
Tanto sangue e martyrios, tantas vidas,
Tantas ruinas d'imperios e cidades:
E o homem soffre, e as gerações perdidas
Se revolvem n'um mar de tempestades,
Sem ver luzir esse fanal jucundo
Que por teu Filho promettesle ao mundo.»

Aqui ha uma verdadeira elevação philosophica, elevação perfeitamente coroada pelas duas oitavas finaes:

Disse, e um gemido d'afflicção pungente,
Similhante a dulcissima harmonia,
Soltou do peito, reclinando a frente
Com meiga e celestial melancolia;
Assim pendendo ao longe, no occidente
Se reclina saudoso o astro do dia;
Assim reclina a pallida açucena,
No collo, a fronte candida e serena.

Depois continuando: «Ó Deus, quem ha de
Sondar mysterios que teu seio esconde?
Tuas leis divinaes, tua vontade
Cumprirei sobre a terra. Eia responde:
Os passos da mesquinha humanidade
Aonde os levarei, Senhor, aonde?»
Uma voz retumbou no ceo radiante,
Que ao anjo respondeu, dizendo:—AVANTE!

Ó poetas, vós em cujo seio reside a divina inspiração, vós que formaes em todas as nações a phalange escolhida dos cultores do bom, do bello e do grandioso, por que não haveis de seguir o exemplo de Soares de Passos, e de animar com os vossos canticos a marcha da humanidade, em vez de a desalentar com as vossas elegias de saudades? Por que haveis de procurar só no passado a musa das ruinas, e não haveis de saudar tambem a musa radiante do futuro? Não sabeis o mal que produzem no animo das turbas essas constantes apotheoses de tudo o que passou. Ha incontestavelmente uma grande poesia nas ruinas das cathedraes gothicas e no mundo da edade média, visto através dos seculos; mas ficae certos tambem que o silvo da locomotiva não abafa a voz da musa, e que o desenvolvimento do espirito humano não prejudica em nada o desenvolvimento do sentimento do bello, sentimento que é a cadeia que vos põe em communicação, ó poetas, com o espirito das multidões.

Passaremos mais ligeiramente pela *Visão do resgate*, não porque essa poesia não tenha tambem um grande merito, mas porque, sendo muito extensa, não permitte que se faça d'ella uma analyse circunstanciada n'um estudo, como este, limitado, e pela sua natureza, e pelas dimensões do jornal em que apparece.

Comtudo não podêmos deixar de dizer que esta poesia (a qual, digamol-o entre parenthesis, é dedicada a um grande poeta, digno da dedicatoria, o sr. Alexandre Braga), é talvez, é de certo aquella em que se revela mais distinctamente essa feição caracteristica das poesias philosophicas de Soares de Passos, isto é, a apotheose do progresso.

A *Visão do resgate* é bastante extensa, e comtudo o poeta soube conservar, e sempre admiravelmente, o estilo apocalyptico em que a escreveu. A idéa d'esse poema, em que se nota uma extremada correcção na parte metrica, e em que Soares de Passos provou forças, com exito feliz, em differentes generos de metrificação, é muito notavel.

Arrastado pelo espirito prophetico, o poeta achou-se junto de um grande mar sombrio, de cujas ondas revoltas saiam gemidos sepulchraes. Esse mar era um mar de nações que se agitavam na miseria, no desalento, na impiedade, subjugados pelo anjo da tyrannia, fatal emissario do anjo maldito, a cujas plantas elle ia levar, como tributo, a urna *das lagrimas crueis que o mundo chora.*

E, diz o poeta,

E eu cedi ao vaivem de minhas magoas,
Como ao sôpro do vento a fragil hera,
Té que uma voz, como a das grandes agoas,
De minhas penas adoçando as frágoas,
Me bradou aos ouvidos: — *crê e espera!*

E subito uma aurora,
Serena, refulgente,
Das trevas do oriente
Desfez os negros veos;
Lavrou, como um incendio,
Nas sombras horrorosas,
E alfim cobriu de rosas
A cupula dos ceos.

E um astro despontando
Na franja do horisonte,
Alçou a meiga fronte
Coberta d'aurea luz;
Sobre elle campeando,
Cercada d'alta gloria,
Promessa de victoria
Brilhava a eterna cruz.

Nas azas da aragem passou o espirito de Deus; tremeu o throno do mau anjo, e as ondas das nações ergueram-se attrahidas pelo astro sublime, como se erguem as ondas dos mares, attrahidas pela argentea lua. E dois archanjos luminosos desceram armados de espadas chammeantes, e appellidaram ao combate as multidões alvoroçadas. Quem eram esses dois archanjos que vinham destruir o reinado de Satanaz? Eram — idéa sublime e benefica do poeta — o archanjo do christianismo e o archanjo da liberdade.

Abençoado espirito que assim rasgaste naturalmente, e em versos admiraveis, essa monstruosa alliança da religião com a tyrannia, alliança horrida e nefanda, que se realisou em pleno seculo XIX com o titulo de ultramontanismo, d'essa vibora que dardeja a lingua bipartida contra todas as aspirações nobres, generosas e elevadas da humanidade!

(Continua) M. PINHEIRO CHAGAS.